



Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário

28 de JANEIRO de 1989

Ano XLV — N.º 1171 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

1 À hora em que escrevo estas notas, o silêncio é senhor da nossa Aldeia. De olhos fechados, vou passando pelas casas onde dormem tranquilos os seus habitantes. Estão no que é seu; que, dantes, nada tinham. Onde faltou a família ficou o vazio. A causa das nossas dores está aqui. A razão da nossa vida é dar-lhes primeiro o que não tiveram.

Ao fim da tarde de domingo, duas pessoas desciam os degraus das escadas da casa-mãe da Aldeia. A noite espreitava. Dirigi-me a elas perguntando quem eram.

— Sou a mãe do Bruno Filipe e do Júlio. Vim visitá-los com a minha amiga.

A tristeza no rosto macilento da jovem mãe fala da morte que vai ganhando numa **boite** da cidade do Porto. E foram-se, de seguida, no carro que as esperava. Os filhos ficaram entretidos com os bonecos da televisão. Não falaram da mãe! Mas, naquela hora, no gravador que é todo o ser ainda pequenino e sensível do Júlio e do Bruno, a **mãe** ficou com a imensidão de carinho e ternura de que o coração da **mulher** é portador.

2 Neste espaço humano da Obra da Rua — Casas do Gaiato e Calvário — está o lugar privilegiado da **mulher** que tem fome de se dar para responder ao chamamento inquietante que o Senhor lhe faz na pessoa do garoto sem família e do doente incurável, sem eira nem beira. É um caminho de realização pessoal que parece novo e surpreendente para a multidão que nos visita, ouve e lê. Porque, em parte, desconhecido, queremos ajudar a descobri-lo. Quem sabe? É segredo escondido, que morde e perturba, no íntimo de algumas.

«Além dos padres podem ainda pertencer à Obra da Rua aquelas senhoras ou outras pessoas que deixaram tudo para se darem e gastarem ao serviço da Obra, sem esperança de outra recompensa senão a de Deus.»

Pela sua maneira de viver exprimem o Amor para com o rapaz necessitado, doando-se como **mães** no exercício deste Amor. Sua missão é complementar o trabalho de formação integral do rapaz, feita pelos padres da rua, ajudando-o e acompanhando-o no seu crescimento físico, moral e espiritual.

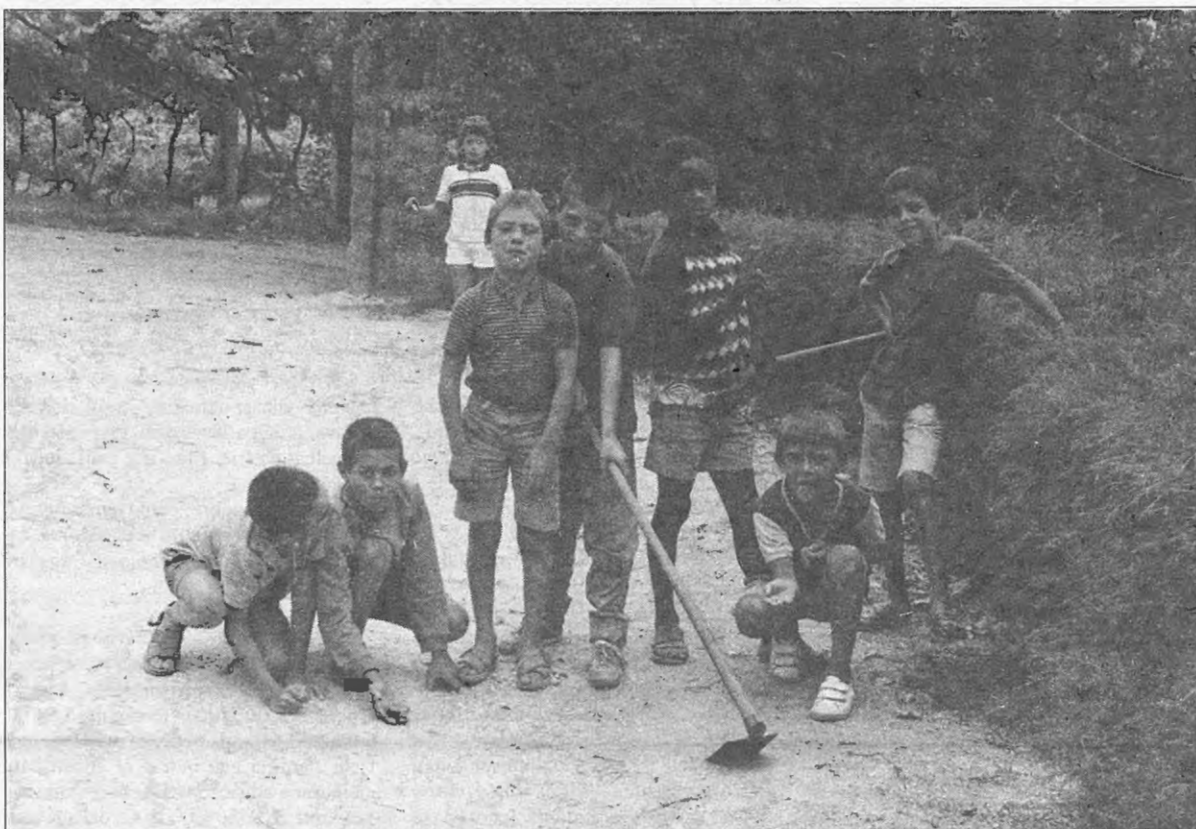
O seu trabalho essencial é, pois, mergulhar a sua vida nas inquietações e preocupações da Obra, partilhando com os padres da rua os problemas materiais e espirituais, agindo sempre como mães nos diferentes serviços.

Uniformes no espírito, mas não nos serviços, colaboram, conforme suas capacidades, com os padres da rua, em estreita entre-ajuda. Em tudo comportando-se como mães que escutam, velam e estão sempre perto dos que mais necessidade têm.

São um dom de Deus para ser repartido na vida diária alimentada com o Pão da Palavra e da Eucaristia. É um caminho original, diferente. Na variedade dos dons, cremos que este tem o seu lugar próprio numa Igreja que, por natureza, é **Mãe**.

Que estes raios de Luz ajudem a caminhar quem busca e quer encontrar!

Padre Manuel António



Neste espaço humano da Obra da Rua — Casas do Gaiato e Calvário — está o lugar privilegiado da mulher que tem fome de se dar para responder ao chamamento inquietante que o Senhor lhe faz na pessoa do garoto sem família e do doente incurável, sem eira nem beira.

CALVÁRIO

Como homenagem e gratidão ao Dr. António Mendes Moreira, que durante muitos anos foi nosso clínico e deu tanto carinho aos doentes, transcrevemos uma nota sobre o Calvário do seu magnífico livro Vida de Médico, recentemente publicado.

Padre Telmo

«O Calvário, de Pai Américo, destina-se a doentes incuráveis. Paralíticos, deficientes mentais, cancerosos e estropiados — esse o pungente recheio humano de suas casas e pavilhões. Muitos sabem que não se podem curar, que estão ali para preparar o caminho da morte... E, dentre estes, os desprovidos das amarras

do mundo — família, amigos e bens materiais — aceitam-na com a tranquilidade que lhes concede a fé. Alguns, porém, tendo ainda a reluzir a esperança de sobrevivência, agarram-se às minhas palavras de conforto clínico como náufragos, e isto apesar do Padre Baptista procurar ajudá-los a subirem cristãmente até à aceitação do fim terreno, melhor dizendo, até à renúncia do instinto de viver. Todavia, como este é mais forte, quebram-se muitas vezes as asas da resignação com que tentam elevar-se. Então caem, desesperada ou amarguradamente; na revolta ou na ânsia da cura. E dentre eles, como é natural, os jovens tornam-se os mais insubmissos.

Madalena, uma rapariga de vinte anos, de rosto fresco e alvo como linho, com um céu em cada olho, abdómen volumoso e membros pequeninos e tortos, a debaterem-se infrutiferamente, parecia um batráquio estatelado. Mas, com o corpo, também a sua alma estava pregada ao leito e sempre pronta a incendiar-se ao mais pequeno atrito. Todos o sentiam e sobretudo as companheiras mais válidas, que dela cuidavam, ajudando-a a tornar menos doloroso o seu calvário. E esse mau tempo era invariavelmente acompanhado duma trovada de insultos e palavrões.

Cont. na página 4

Cont. na página 3

Tribuna de Coimbra

• Nos primeiros dias do ano o Senhor veio buscar à cidade dois dos Seus bons amigos: António Carapinha e Irmãzinha Emanuel.

António Carapinha veio, há muitos anos, do Alentejo, onde nasceu. Empregado bancário e cristão a sério. Sem negociar de forma alguma a sua fé. Fé com obras para

ser vida autêntica — o seu lema. Conheci-o, há muito. Era sempre ele que depunha nas nossas mãos a festa de Natal.

Recordo, com saudade, o nosso encontro, de há tempos, por causa do Abrigo Vicentino para acolher os que dormem sem cama, nas ruas. Com que alma e coração este homem recebeu o encargo de conse-

guir a cedência da casa da Ordem Terceira! A alegria com que nos deu a notícia do bom acolhimento dos outros mesários!

Era irmão-ministro da Ordem Terceira. A sua grande preocupação era acolher bem todos os que necessitavam de ajuda. Os

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

IDAS A CASA — Como disse na edição anterior, alguns dos nossos rapazes costumam passar o Ano Novo com os seus familiares. No regresso, vêm quase todos; mas há sempre um ou outro que resolve ficar em casa. Desta vez, o «Conchinha», o Toninho e o Carlinhos.

Esperamos que não encontrem dificuldades pela frente...

DESPORTO — Em 7 de Janeiro defrontámos a equipa do Santa Luzia (Paço de Sousa). Fomos superiores, mas o Santa Luzia não baixou os braços. Começámos por marcar primeiro e eles empataram quase no final.

Na segunda parte, marcámos mais dois golos e o adversário, um. Resultado final: 3-2, a nosso favor.

Também defrontámos as camadas jovens do F.C. Penafiel. As nossas equipas estavam lamentavelmente desfalcadas, no final do ano; mas, mesmo assim, tentámos suprir as carências e lá arranjámos os rapazes disponíveis.

O Penafiel, equipa bem organizada, nunca deixou mostrar o nosso futebol! Perdemos por uma margem aceitável — e com desportivismo.

VISITANTES — Nesta altura, são poucas as pessoas que nos visitam, por causa do frio. Mas, quando chegar a Primavera, virá um ror de gente!

TROPA — O Carlos Simões, da secção de composição manual e fotocomposição, foi servir a Pátria. Rapaz alegre, passava os recreios a dançar ao som do seu favorito: M. Jackson.

Luorenço

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

• A reconstrução da moradia para famílias pobres está a chegar ao fim. Muitos leitores acorreram à chamada! Graças a Deus.

Brevemente, o mestre d'obras entregará a chave. Depois, serão mais alguns benefícios para aconchego dos utentes. Aliás, não esqueçamos a pequenina lareira, na salita d'entrada, que os pinhais têm lenha miúda para aquecer o caldinho, a própria habitação.

Hoje, que todo o mundo sonha ou se deleita com coisas grandes, vale a pena arrancar com estas, pequeninas. No caso vertente, mais um abrigo para os sem abrigo; até como denúncia da marginalização a que são votadas famílias sem posses — nas terras lusitanas.

Quem levanta moradias para esta gente, no sector privado?

O sector público dá prioridade à habitação de propriedade resolúvel (como as empresas). Algumas autarquias estimulam a Autoconstrução, especialmente em loteamentos; e não seria d'avançar noutras ajudas: cedência de projectos (existe legislação para o efeito...) e apoio administrativo na complicada burocracia?

O pêndulo da Justiça Social não pode ficar por aí. Há que dar tecto a famílias sem capacidade para solver alugueiros caros. É imperiosa, indispensável, a construção de habitação social! Não dá lucro material; talvez prejuízo financeiro — e não só. Mas, esquecendo esta classe de gente, temos um progresso aparente — que marginaliza os mais pobres.

Recentemente, a Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte (AICCOPN) anunciou que Portugal «caminha para a Europa a passos largos no domínio das estradas, escolas e hospitais, mas corre o risco de em

1992 estar ainda longe da Europa no domínio das condições de habitação». A AICCOPN salienta, ainda: «Enquanto em vários países da CEE se nota uma ênfase na política de habitação através da recuperação de *habitações sociais*, programas de construção de novos núcleos residenciais e de alívios da carga fiscal, o Estado português tem negligenciado este sector». Ontem como hoje, «continua a aguardar-se a definição de uma política de solos, a revisão dos procedimentos administrativos de licenças de construção, a modificação da lei das rendas e a introdução ou revitalização de instrumentos financeiros de apoio ao sector imobiliário».

• Reside nas vizinhanças de Paço de Sousa. Era da lavoura. Tem marcas: calos nas mãos, rugas na cara. E o traço característico das mulheres camponesas — doutro tempo: lenço, xaile, saia de roda, socas, taleiga...

Conta a sua desdita:

— *O meu home, sabe?, anda por lá...*

Ganha quarenta notas, sem descontos, e dá-me acajo nada! Não posso viver, assim!

Tira o lenço do bolso para enxugar as lágrimas e desabafar o pior... — que não revelamos.

Depois, acentua:

— *Quando os filhos estavam em casa (sempre que podem dão um pouquinho), não havia miséria. Agora... preciso duma ajudinha p'ra não passar mal.*

Novos Pobres!

PARTILHA — Cinco contos dum licenciado que veio pôr as contas em ordem n'O GAIATO. Mil, de Pardelhas (Murtoza). Vale de correio, do assinante 4498: «Era para ser antes do Natal, mas infelizmente não pôde ser. Desculpem ser tão pouco, mas é de bom agrado o que envio».

De Abrantes, 1.000\$00, dum anónimo. Quatro vezes mais da «Avó de Sintra». «Uma portuense qualquer» persevera d'alma aberta: «Segue a migalha habitual para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, acrescida de um pouco mais; pois é uma quadra em que há mais despesa nas famílias».

Quinhentos, da assinante 32395. O dobro do casal-assinante 3107: «É pouco, mas breve mandaremos mais qualquer coisa. Nesta altura do ano temos de nos dividir e partilhar com mais irmãos; por isso, toca pouco a cada, mas é de todo o coração.» Solidariedade!

O assinante 18681, de Vila Nova de Gaia, manda um cheque — com a amizade de sempre — «para o que for mais preciso».

E, por fim, o assinante 5629, do Porto, com um resto de contas d'O GAIATO. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Meudes

MUNDO

Derrocada de gente

Barranco

Teatro de palco gasto

— actores de segunda

trajos ridículos —

Escória que és pão de cada dia!

Não fazes promessa de nada

Nem o amanhã é certo

Tudo se dissipa...

Qual neblina matinal

Impregnada de odores traiçoeiros.

E vives, sim, vives!

Move-te o ódio,

o egoísmo, a ganância...

E o homem preza-se!

É ele o artífice, o construtor;

A carcaça por vezes vazia

Que dá à vida sua essência.

Sim, é ele!

Ah, homem

Sê-o!

Enaltece-te... — a ti mesmo o deves.

Mas, fã-lo com actos,

Não com as palavras vãs, de sempre...

Antero F. Almeida
10-7-88

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Tudo começou numa conversa de amigos.

Numa manhã fria de Inverno, o sol ainda envergonhado, fomos visitar uma família muito humilde, à qual entregámos bens alimentícios, duma dádiva de um grupo de amigos.

Ela conta-nos um pouco da sua vida:

— Tenho um campo que este ano não deu nada e nada mais tenho para a alimentação de meus filhos. Meu marido está doente, há seis anos, todos os dias vai curar-se ao hospital. Tem feridas nas pernas, duma mordidela de um cão, que não cicatriza. Também tenho 5 filhos. Dois, deficientes; uma, não está em casa, partiu para maus caminhos e deixou este bebé para eu cuidar. Também tenho andado doente dos ossos. Pouco posso fazer. Nem os cântaros da água posso trazer para casa, pois dói-me a coluna. Quem me vale é esta filha: Lava-me a roupa e faz-me mais algum serviço.

Verifiquei que tudo isto se passava. Uma das filhas, deficiente, tinha chegado de lavar a roupa. Suas mãos estavam ainda vermelhas do frio. Era a que mais ajudava a mãe.

Esta família pobre, como tantas outras, vive na esperança de um dia melhor. Estamos certos que, com a ajuda de Deus, irá conseguir.

DONATIVOS — «Aqui vai mais uma migalhinha, desta vez para a nossa pobre Edite.» 1.000\$00, de anónima. Leitora 20652, 2.000\$00; assinante 5471, 5.000\$00: «É uma pequena migalha, mas Deus permita que outras se sigam para melhorar a situação desta pobre família»; assinante 31855, 1.000\$00; de um anónimo, 2.000\$00; A. T. C. C., 1.500\$00; «Aqui, junto 1.000\$00 para a viúva do Barredo, da mãe que crê em Deus». Anónimo, 1.500\$00; «De um grupo de senhoras que se dignaram pagar uma quota mensal de 200 marcos. Subscreevo-me Maria José Soares». Dalila, 1.200\$00 «para os vossos Pobres». Assinante 28049, 1.000\$00; Helena e Maria da Conceição, 10.000\$00. Um cheque de 40.000\$00, doutra anónima. Helena, 2.000\$00. «Que Deus os proteja a todos os que fazem parte da Obra sagrada pelo santo Pai Américo»: 1.000\$00. Assinante 113, 100.000\$00. Por último, do assinante 35193, 2.000\$00.

Em nome de todos quantos necessitam de ajuda, o nosso muito obrigado.

Casal Mário e Lurdes

TOJAL

QUINTA — No dia 4, a nossa Casa fez 41 anos.

Está frio. O céu, azulinho, com o sol a sorrir!

Alguns campos foram lavrados. Noutros, lançadas as sementes do trigo e da aveia. Temos um terreno com couves, nabica, alface e cenoura. A cebola, que retirámos dos viveiros, foi plantada. O alho e a fava também já foram sementeados. Nesta altura os pomares estão muito bonitos. As laranjeiras, como sempre, carregadinhas! Um grupo de estudantes faz a monda no campo das couves e a limpeza das ervas nos pomares. Na vacaria nasceram um vitelo e uma vitela: o «Natal», porque nasceu no dia de Natal; e a «Preta», porque toda ela é preta. As pocilgas foram repovoadas. Dois amigos ofereceram porcos.

CATEQUESE — Todas as terças-feiras há Catequese. Às 18 horas estava tudo a postos para iniciarmos mais uma lição. Era um dia diferente, pois uma senhora catequista brotava e cantava alegria.

— O que há hoje dentro de si?

— Fui chamada ao hospital ver um menino que ia ser operado. O rapaz, deparando com o médico, pede um sacerdote para se reconciliar.

Somos poucos para dar catequese a 80 crianças. Alguns rapazes, o sr. Professor e duas senhoras.

Há dias, contávamos a parábola do Semeador. Um dos pequenitos interpela:

— As sementes são as pessoas?

Uma pergunta inocente. Talvez, por isso, original. Aproveitei a questão para uma correcta interpretação da semente, igual à Palavra de Deus.

— De certo modo também caímos à beira dos caminhos e nas pedras. Aquelas que caem na terra boa têm obrigação de dar bons frutos para ajudar aquelas que caem à beira dos caminhos e nas pedras. Dão a sua vida às crianças abandonadas, procuram ajudar os jovens que vivem em dificuldade e olham pelos velhinhos abandonados... Amam! Dar as nossas mãos aos que realmente necessitam de nós, aceitar os Outros como são, ajudando assim a combater os múltiplos problemas que nos afrontam, particularmente aos jovens. Aceitemos Jesus Cristo pregado na Cruz e com humildade procuremos inculcar no coração de cada rapaz feixes luminosos nesta Obra de Deus — Obra viva de rapazes livres.

UM PEDIDO — Temos motivos para agradecer as inúmeras manifestações de carinho dos nossos leitores. Basta fazer um pedido para logo choverem recados para irmos buscar... A todos, muito obrigado.

Hoje, porém, fazemos um pedido que vai mais além das coisas, pois mexe com o tempo, o legítimo descanso, o dever do convívio familiar e social das próprias pessoas.

Pedimos ajuda para os nossos estudantes. Somos 17 do primeiro ao 12.º anos e precisamos de explicações para ver se ultrapassamos as «negativas» que apareceram neste primeiro período.

Pelo telefone 9849019, das 8 às 12 e das 13,30 às 19,30 h, daremos mais porme-

nores a quem se propuser ajudar nesta conquista de «fazer de cada rapaz um Homem».

FUTEBOL — O ano passado iniciámos as obras de melhoramento no parque de jogos: nivelamento do campo, espalham-se 300 m³ de areão e abriram-se valas. Já nos ofereceram as 1/2 manilhas para a drenagem das águas pluviais. Contamos com a indispensável ajuda da Câmara Municipal e também dos «apaixonados» do desporto. Precisamos de saibro e de cimento.

José Manuel dos Anjos Nunes

SETÚBAL

VISITAS — No dia oito, fomos visitados pelos Convívios de Setúbal, como é habitual todos os anos. Deram uma volta pela Casa, principalmente pelos nossos trabalhos e pela quinta.

DESPORTO — A nossa equipa realizou mais um encontro, dia oito, com um grupo conhecido: «Os Convívios». Assim, para começar, marcámos aos 25 minutos. Eles não desmoralizaram e marcaram a seguir, fazendo 1-1. Como estamos mais preparados, física e tecnicamente, demos volta ao resultado que ficou em 12-3 a nosso favor. Mas não contou só o futebol, também o convívio com o grupo de Setúbal. Almoçaram connosco e, no fim, conversaram um pouco ao longo do dia. Agradecemos a visita.

FUGAS — Três rapazes resolveram dar um passeio: Rogério, Serafim e Vítor. «Não sabemos deles!» Dois andavam na Telescola: Rogério e Serafim. O Vítor era tipógrafo. Não tinham razões para fugir da sua própria Casa! Esperemos que tenham sorte na vida e um dia venham a ser alguém e consigam resolver os seus problemas.

Jorge Anjo

AGORA

Esta coluna é um lugar de encontro frequentado por muitos, há muitos anos, sem a menor sombra de cansaço. «Sei que são muito felizes todos os que se dão à Obra, por dias, meses e anos» — diz a Alice. E porque o sabe por experiência feita, «não podia ter este cheque mais tempo na minha mão. Foi minha mãe que mo deu, para eu gastar como quisesse. Ela bem sabe onde ele vai parar. É para os gaiatos, para que possais sempre, e cada vez mais, responder a tantas necessidades que vos vão bater à porta».

Eis a ténpera que dá sabor a este encontro: a união de esforços, alguns bem pequeninos mas muito repassados pela consciência social dos que os fazem, a qual união faz a força que proporciona resposta eficaz a tantos que justamente nos procuram. E não apenas aos que nos procuram, mas a outros que, pela maior disponibilidade de um dos nossos padres para esse fim, não-de ser procurados.

Trata-se de uma cruzada para uma maior justiça a respeito deste bem primordial que é a habitação. Acreditamos que, para tão bom combate, nunca as armas não-de faltar. Quanto mais tiver de regar o rio, tanto mais caudal lhe não-de dar as suas fontes, «para que possais sempre responder...», como até hoje, por graça de Deus, tem sido possível.

«Andar com quem anda» era lema de Pai Américo. E aqui vai gente que desde a primeira hora, trinta e oito anos cumpridos desde Fevereiro de 1951, anda connosco ao lado de outros que urge fazer andar. Assim é com M. M.-A. L., com J. P. R., com «uma portuense qualquer» e a sua «gota no oceano das necessidades daqueles que heroicamente se metem a construir a sua casinha, cheios de dificuldades». M. A. pertence a esta corporação de apaixonados: «O querido O GAIATO é sempre luz que entra na minha casa. Por vezes não sou sequer digna de o ler». E que dizer de este outro, ou outra, humilde como a precedente (a forma de escrever é indício), que há anos sem conta, aí aparece mensalmente com os seus vinte contos para a



CALVÁRIO

Cont. da página 1

Por motivos que não sei explicar, a não ser pela condição de médico, a aleijada simpatizava comigo. Havia, por isso, sol quando a visitava, embora se esforçasse por esconder com a roupa o corpo de sereia monstruosa. Naquele dia tinha a seu lado uma boneca oferecida, dessas de papelão pintado, pois, numa sociedade como a nossa, só lhes pode caber a sorte das pessoas: pobres ou ricas. Recebeu-me, ainda hoje não sei bem, se com um sorriso de mãe ou de criança, porque, como dois fios de água límpida, ninguém consegue distingui-los.

— Minha irmã teve um bebé. Adivinho o amor que lhe tem. Apetece-me derreter esta «filha» com carinhos.

E mirava e beijava a boneca com

o rosto a dissolver-se em ternura. De repente, enquanto me demorava a contemplá-la, senti uma mão agarrada e salpicada de beijos.

— Gosto de si. Tem-me aturado tanta maluqueira...

Retirei a mão bruscamente.

— Não, não mereço nada!

Dizia-o com sinceridade, mas sem jeito. Como sopro de Primavera, a boneca chegara para lhe enfeitar o coração...

Decorridos uns dias, morreu subitamente. Vi, então, nascer muitas fontes nos olhos das companheiras. É que, sobretudo ali, a morte se torna esfregão de defeitos e lupa de virtudes. E isto por haver uma doação mútua.

Apenas o Adalberto, um inválido baixinho e barrigudo, de cara morena e olhos papudos, com uma grande corcunda e os joelhos virados para dentro, que voltavam as

pernas para fora, fazendo lembrar um sapo gigantesco em posição vertical, um sapo vestido de homem, não teve oportunidade de profetizar aquela morte próxima. De facto, com sua voz áspera, acompanhada de risinho e piscar sádicos, não conseguira tempo para me prevenir, como sempre, à partida, antes de fechar a porta do carro:

— A Madalena vai precisar da sua guia de marcha...

Com o andar do tempo, muito tenho aprendido no Calvário e sobretudo a sofrer. Claro que ninguém poderá encontrar aí cuidados médicos, de enfermagem e outros sem pecado. No entanto, tal como os doentes entre si, os que deles cuidam, embora poucos e reconhecendo até as lacunas e imperfeições, costumam multiplicar-se na procura, tantas vezes difícil, dum entrega permanente.

O que me custa cada vez mais é ver para ali tanta gente varrida por uma ciência de progresso veloz em muitos sectores, mas roncoiro noutros. E, o que é pior, nestes, as probabilidades de se apossar ainda parecem longínquas...

Ocupar física e espiritualmente esses doentes tem-se tornado, afinal, missão generalizada e benéfica, pois alguns vão-se aguentando vivos e outros até melhorando sem sabermos como!...

Arrastando, numa cadeira de rodas, sua paralisia progressiva e fatal, a Dulce, depois de lá entrar com a fé luxuriante de um restabelecimento mais ou menos rápido, está hoje conformada e até auxilia os jovens que sofrem de males iguais ou parecidos e que chegam naturalmente ambiciosos da conquista da saúde; «Caqui», um miúdo de vida animal, que só sabia atirar a cabeça às paredes até se magoar, deixou de o fazer, já fala alguma coisa e vai mesmo ao encontro de quem o acarinhe; a Alice que, por via da fome, chegou ao Calvário de olhos esbranquiçadamente opacos e com meia dúzia de anos, que mais pareciam meses, percorre-o hoje de ponta a ponta, sempre contente, disponível e conhecendo tudo e todos; a senhora Conceição, mordida por «bicos-de-papagaio» enormes e generalizados, que só lhe permitiam movimentar-se sacrificadamente, mesmo com o auxílio de muletas, vivia para ser prestável e, por isso, sob o temor permanente de cair no leito e se tornar inútil; pregada à cama, a hemiplégica senhora Aurora, mal entro na sua enfermaria, torna-se uma alvorada festiva ao rir tão desmesurada como contagiosamente e ao içar, qual bandeira, o braço são, de mão aberta e trémula; a senhora Antónia, cega e de pernas encolhidas, é gatinhando sobre um pé e uma mão que consegue manter limpo o chão da sua enfermaria; a «Amareleja», viúva saudosa do seu Alentejo e em contínuo

Casa Louvado seja N. S. Jesus Cristo!? Outra Alice, também da «velha guarda», com as costumadas «gotinhas» para a **Casa de S.ta Filomena**; e, desta vez, mais dez contos, «que o Inverno está a chegar».

M. M.: «Aqui vai com o carinho de sempre, a habitual contribuição para a **Casa da Paz**. Creio que fica, agora, em 800.000\$00». E acrescenta à guisa de justificação: «Este meu contar não representa impaciência nem desmotivação, mas sim o desejo de poder contribuir para melhorar as condições de vida de uma família, dando-lhe um tecto para se abrigar. Se tal chegar a acontecer, será para mim uma alegria muito profunda».

Pois pode já alegrar-se, M. M., porquanto a sua partilha não espera por um número grande para ser eficaz, antes o seu amor antigo e persistente vem fecundando, desde há muito, esta obra de ressurreição de tantas famílias carentes de tecto.

Outras iniciais cuja «chave» só Deus conhece: M. L. e «as migalhinhas mensais da minha reforma», este mês acrescidas do «subsídio de Natal que, por enquanto, ainda recebo».

A Maria Rosa, de Gaia: «Mais um dia 25 de Agosto e mais uma vez na vossa presença. Já lá vão 27 anos! Graças a Deus que nos dá graça para prosseguirmos, apesar de tudo!».

Agora, passa gente menos antiga, mas também de presença regular nesta coluna: A Lígia, de Fiães; o arquitecto Pedro, de Lisboa; um anónimo, do Funchal; a Luísa, de Oeiras; a Dr.ª Felicidade, de Lisboa, sempre com a piedosa lembrança de seus pais e «se sobrar um pouquinho de tempo rezem também por mim».

Outro grande e velho Amigo do Instituto de Novas Profissões. M + M: «O meu marido é assinante do vosso jornal, há muitos, muitos anos e eu leio-o sempre com muito agrado». M + M pode ser Manuel e Maria ou, simplesmente, Marido e Mulher, que terminam «pedindo, apenas, uma oração pelos que já partiram e pela paz e boa harmonia em todos os lares».

Cem contos de um Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Coimbra. Vinte, de Lídia, «pois também acabei, há pouco, de pagar a minha casa e sei quantos sacrifícios acarreta». Cinco, de Albertina, «recordando uma filha muito querida». Vinte e cinco que alguém depositou directamente na U. B. P. Dez vezes menos de «uma anónima do Padrão da Légua». Mil escudos, de «uma Mãe agradecida, de Matosinhos». Três, do assinante 13926. Dez, «sem intenção especial; para o que for mais preciso». Vinte, de alguém do Laboratório de Química da Faculdade de Ciências do Porto. Cinco mil, de uma Avó, de Albergaria-a-Velha. Trinta, de Benilde: «Festejando as nossas bodas de prata, vimos partilhar algo daquilo que o Senhor nos tem dado».

E como tenho de parar aqui, por longa que esta crónica já vai, fecho com esta mensagem fraterna e muito gratificante para nós, do nosso Elísio Humberto, à qual se associam sua mulher e filha:

«Com votos de saúde e bem estar de toda a Comunidade, venho por este meio fazer uma lembrança pequenina, resposta que faço aos meus desejos humildes.

Comoveu-me bastante a crónica sobre a situação do «Arouca». Eu não conheci o «Arouca», mas conheço todos aqueles que foram e são aquilo que eu fui e sou: Gaiato para sempre!

Segue por vale de correio uma pequena gota, que eu gostaria dividissem na ajuda ao «Arouca» e que o seu sonho seja uma realidade; e para a mulher solteira e doente que o Júlio Mendes declara em «Notícias da Conferência de Paço de Sousa».

Padre Carlos

RETALHOS DE VIDA



CHICO

O meu nome é Francisco José Correia de Oliveira. Apelido: Chico. Nasci no ano de 1973, em Viseu. Tenho quinze anos. A minha mãe não me podia ter... e mandou-me para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, juntamente com dois irmãos.

Não continuei a estudar. Agora, estou a trabalhar na quinta. Mas quando for maior, quero ser mecânico.

Chico

extravasas de ternura, tratava o Padre Baptista por «meu menino» e quis conhecer um dia minha filha Sara para tentar oferecer-lhe o anel de casamento, quem sabe se para agradecer o creme «Nívea» e o sabonete que sua paixão por um asseio ataviado levava a solicitar-me frequentemente; a senhora Joaquina, habituada a vegetar num quarto escuro, a princípio respingava como qualquer bicho bravo na toca, mas foi saindo dele pouco a pouco para se tornar das mais diligentes na sua cadeira de rodas; o senhor Armando, de membros congenitamente reduzidos a cotos disformes e por isso inerte como qualquer toro, vive na cama a irradiar optimismo e também a distribuir

atenções e directrizes aos companheiros; enfim, tantos e tantos, vivos ou mortos, a darem-me lições!

No princípio da última Primavera um surto de gripe atingiu a maioria dos doentes, certamente por o terreno lhe ser fecundo. Apesar disso, só morreu um rapaz, de dezanove anos, com uma atrofia muscular irremediável que já nem o deixava mexer-se no leito. Estou a vê-lo a aspirar oxigénio e de olhos pescando nos meus uma derradeira, mas tão grande esperança, que não chegou a viver o quebranto da despedida para a viagem até ao monte do Calvário, onde mora o cemitério.»

CARTAS

«Ler O GAIATO é sentir a contradição de uma vida que, apesar de todas as chamadas, tende a pôr limites na sua capacidade de actuar. Os entraves são muitos, as solicitações sobrepõem-se às necessidades dos Outros, as preocupações pela segurança sobrelevam a espontaneidade do dar.

É assim desde que Cristo ressuscitou — ir com Ele para cima ou ficar na tenda onde «se está tão bem» a contemplá-lo embevecidamente, mas com tanto egoísmo.

Sei que não sairei deste dilema sem a Sua ajuda, directamente ou através dos Outros, dos Pobres, daqueles que todos proclamam defender, mas que ainda justificam as Casas do Gaiato para os mais pequenos e o Calvário para os inválidos.

Muitos dizem viver num mundo materialista e consumista — e é verdade. Mas o mundo não é mais do que o somatório dos nossos mundos a que chamamos pequenos par não sermos capazes de os tornar grandes. É difícil lutar — hoje são utilizados e louvados todos os processos para alcançar a notoriedade, poder e riqueza material. São marginalizados e apodados de incapazes e incompetentes todos os que não pactuam com a corrupção, com a violação da consciência, com a ambição desmedida.

Compreende-se, assim, como é difícil manter viva a chama acendida pelo Padre Américo.

Mas é justamente por que o mundo não tem Amor, que a Obra da Rua é mais indispensável. Continuem fazendo pelos Outros aquilo de que eu não sou capaz e que Deus os proteja.

Assinante 7982»



«Recebi O GAIATO. Uma lição de Misericórdia e Evangelho. Sempre! A sua qualidade é um dom, um valor e um esforço que não esmorece. Bem merece a tiragem de 71.000 exemplares.

Li O Lodo e as Estrelas com emoção reconhecida e grande humildade. Meu marido, o mesmo. Um amigo, professor catedrático da Universidade Católica, ficou tão interessado que o mandou vir logo, também. Minha prima-irmã, professora no Algarve, do Ciclo e até ao 7.º e 8.º anos do Secundário, mandou-o vir para o usar nas aulas de motivação de português. Semente!

A nota na penúltima edição d'O GAIATO sobre o «Calvário» é outra página de não esquecer. E, neste número, o jantar dos anos na Casa do Gaiato de Setúbal, o mesmo. Afinal O GAIATO todo é uma Misericórdia que nos chega. Uma dádiva em que Jesus Cristo brilha no Seu Amor e Palavra. Deus o abençoe por tanto bem derramado.

Vão dois cheques... Sinto-me perto de vós pela criação de partilha que tive. Meus avós maternos, com quem estive mais, davam sempre. Meu pai repartia tudo. Minha mãe, professora primária, tanta vez a vi repartir discretamente a nossa panela de sopa com crianças mais magritas de farnel, na escola.

Grata, mando a todos o abraço da Paz.

Assinante 44492»

AQUI, LISBOA!

«Falam os Novos. É deles que esperamos. Neles confiamos» (Pai Américo, in «Correspondência dos Leitores»).

O espaço de que dispomos é reduzido. Os assuntos a tratar não faltam, sobretudo os atinentes ao dia-a-dia da nossa missão e à inúmera correspondência recebida, de cultos e menos letrados, de novos e de idosos, enfim, referentes à inúmera legião de questões e de pessoas. Silenciosamente vamos interiorizando o que vemos, ouvimos ou lemos, procurando tirar partido de tudo, pela afirmativa ou pela negativa, que bem precisamos de encontrar alento e força para cumprirmos com os nossos deveres.

Há já longos anos um Professor Catedrático nomeou-nos «intermediários» entre a Família e Deus, vedando-nos qualquer referência à sua pessoa ou aos seus gestos. Gostámos do encargo e, ainda há pouco, nos falava do «diálogo» então estabelecido, que continuará enquanto formos vivos. Será assim que prosseguiremos, respeitando, embora, critérios alheios.

Hoje, porém, porque a hora é de Novos e «é deles que esperamos» e neles queremos confiar, trazemos a esta rubrica, três pequenos textos, de dois jovens, irmãos de sangue, que muito nos sensibilizaram. O primeiro diz: «Fiz agora 18 anos, pelo que passei a poder usar cheques! Para poder inaugurar e bem o meu livro, passo o primeiro cheque à Casa do Gaiato. A quantia é pequena, mas é exactamente um quinto da minha fortuna! Que Deus o abençoe para que, na prática, tenha o efeito de um outro com mais zeros». E juntava quinhentos escudos. Dois anos depois, o mesmo jovem, agora com 20 anos, volta à carga: «Há 2 anos tive acesso a um livro de cheques. Inaugurei-o, enviando uma pequena oferta à Casa do Gaiato. Hoje procedo do mesmo modo, para comemorar o meu primeiro ordenado, o que me dá grande prazer». E remetia mil escudos.

Sensivelmente, aí por Outubro último, chegou-nos às mãos uma missiva, com quinhentos escudos, do segundo irmão, com três linhas: «Se a intenção é que conta, esta pequena parcela do meu primeiro ordenado fica valorizada, porque é oferecida com a melhor das intenções. Um respeitoso abraço de um outro Luís, com 17 anos».

Só Deus sabe o bem que estes jovens nos fizeram com as suas cartas. Que ao lerem estas considerações os nossos Rapazes saibam compreender o que pode a Juventude, quando norteada pelos valores do espírito. São dois jovens a falar, de maneira sóbria, mas rica de conteúdo, que nos aprez registrar.

Quem é que põe em causa os Novos de hoje? Os que não acreditam neles ou os que não são capazes de exemplificar com suas vidas os trilhos a percorrer. É que a educação começa pelo testemunho e os Novos de hoje, com as suas virtudes e os seus defeitos, como os de ontem, são o futuro. Por isso os colocámos a falar nestas colunas, porque neles esperamos e neles confiamos. Obrigado, Jorge e Luís, pela vossa ajuda, com a retribuição dos abraços recebidos.

CAPELA — Uma ligeira referência, para conhecimento dos nossos Amigos. Resolvidos os problemas estruturais, vamos dar início aos acabamentos, mais dia menos dia. Às nossas mãos pecadoras chegou, entretanto, uma imagem da Padroeira de Portugal de incalculável valor artístico. Vamos continuar com o atrevimento que só a Fé nos pode facultar.

Padre Luiz



Resolvidos os problemas estruturais, vamos dar início aos acabamentos da Capela.

Tribuna de Coimbra

Cont. da página 1

passos todos que deu nestes anos em que procurou servir o Senhor e os irmãos!

A sua morte inesperada deixou a multidão dos seus amigos em sentimento de dor. A Eucaristia, celebrada na igreja que ele tanto amou, foi toda ela um cântico de louvor ao Senhor. Seu corpo pálido, rodeado por um mar de flores com vida, parecia querer sorrir com os cânticos e as lágrimas da igreja toda cheia de alma. Que descanse na Paz de Deus.

• Quem, em Coimbra, não conheceu a Irmãzinha Emanuel? Ela, Maria Clementina e Maria Carolina (a mãe das Criaditas) fundaram a família religiosa: as Criaditas dos Pobres. Ambas filhas de gente nobre daquele tempo. Jesus Cristo passou à sua beira e chamou-as. Mostrou-lhes homens e mulheres com fome, sem roupa e sem casa.

Com filhos a estender os braços à procura de carinho.

Deixaram suas vestes e suas vidas de jovens e vestiram saia, avental e lenço de chita e seguiram este caminho de Amor no servir os irmãos. Elas duas e quantas se lhes juntaram neste serviço. Hoje, Coimbra, Aveiro, Porto, Oliveira do Hospital, Portalegre, Amadora e Rabo de Peixe (Açores) têm as Criaditas dos Pobres ao seu serviço. Quem as não conhece?

A Irmãzinha Emanuel adoeceu, há dezasseis anos. Há catorze, ficou de cama sem movimentos próprios. Catorze anos no altar do sacrifício. Toda a sua esperança esteve sempre no Nome do Senhor que fez o Céu e a Terra. Este Senhor veio buscá-la para o Seu Reino.

O oratório da casa transformou-se em sala de festa. O corpo mirrado da Irmãzinha, metido no caixão de madeira de pinho simples, com quatro pegadas de corda, rodeado de muitos pequeninos

ramos de flores, no ambiente cheio dos cânticos das Irmãs, parecia uma relíquia preciosa a guardar no coração de cada um.

A despedida foi um grande acto de consagração. Todos os que puderam — homens, mulheres, crianças, Irmãs, sobretudo a sua gente mais pobre — a beijaram na frente e nas mãos. Muitas lágrimas de gratidão.

Felizes os que ouvem a voz do Senhor e O seguem. Felizes os pobres por Amor. Deles é o Reino dos Céus.

Padre Horácio

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

OFERTAS — Podemos anunciar, com muita satisfação, a chegada de material de escritório, usado, da firma A. Castro Poças, L.da (Porto), ficando resolvido o problema das calculadoras. E outras coisas, indispensáveis, que uma leitora, da cidade Invicta, comprou, algures, e deixou no Lar do Gaiato do Porto, Rua D. João IV, 682. Destacamos: um furador e um agrafador. Falta-nos, porém, uma máquina de escrever. Quem poderá acorrer à chamada?

Expressámos a nossa gratidão.

Carlos Gonçalves

SETÚBAL

De longe e de perto, por carta, ou conversa pessoal, os leitores de O GAIATO manifestam a sua sintonia conosco sobre a panorâmica aqui referida acerca dos direitos(?) da Criança abandonada, da adopção, das soluções(?) propostas pela Assistência Oficial, da morosidade dos processos, da imoralidade das leis e da tragédia que se abate sobre inocentes indefesos sem pais e sem família, carentes do fundamental para se desenvolverem equilibradamente e poderem, amanhã, ser homens e mulheres e não marginais, prostituídos, habitantes de prisões, componentes de grupos de malfiteiros, doentes de hospitais psiquiátricos, etc.

Trago, hoje, à estampa, a carta de uma senhora que veio passar conosco só alguns dias. Se ela aqui visse anos, ou uma vida..., que diria!...

«Como sempre estou em atraso convosco. Agora, faz parte desse atraso não ter respondido à sua carta que me foi, como sempre, extraordi-

riamente grato receber, na medida em que me sinto a partilhar, um pouco, uma vivência de um estilo de vida que é o único significativo para mim. É certo que a leitura d'O GAIATO também é um pouco isso, mas o contacto directo torna a relação mais forte. A partir daí, o «Setúbal» d'O GAIATO passou a trazer-me uma mensagem bem mais próxima e a mais comungar no seu sofrimento, perante a criança vítima dos «progenitores» — como o Padre Acílio sempre os denomina. Em tempos, vivemos aqui no Liceu, um grupo de alunos e eu, o problema de dois gémeos numa situação dessas: aos 9 meses pesavam 2 kg, ficavam num caixote, sozinhos, durante o dia e os Serviços de Assistência não lhes davam os alimentos porque a mãe não se preocupava a dar-lhos.

Famílias dos alunos que as passaram a cuidar, quiseram adoptá-los; mas, não conseguiram.

Era um ir e vir entre a barraca e o Liceu; um monte de problemas que resultaram desta situação; o sofrimento de todos, quando, por alguns dias, os progenitores, tendeiros, se ausentaram de (?) e, por fim, foram ficando, cada um numa das casas dos amigos.

Claro que a lei não resolveu o problema; tudo se passou à margem da dita; só que os progenitores não procuraram fazer negócio. Eram mais simples, menos «sabidos» que os de meios mais evoluídos. Apenas por um instinto rudimentar não queriam que os filhos deixassem de lhes pertencer! Claro que a solução conseguida, embora humana, não teve a segurança, mesmo psicológica, de uma adopção.

Agora uma pergunta indiscreta: Tem esperança que a sua insistência em pôr com toda a força, com toda a veemência o problema a nu nas colunas d'O GAIATO, conseguirá, um dia, abrir uma pequena brecha naquele mundo podre das leis e dos tribunais? Quero que tenha essa esperança e alimentá-la consigo.

Não poderá o Espírito soprar tão forte que alguém desse mundo cha-

mado do Direito tome mesmo o problema nas mãos?»

Há dias, ao sair do quarto, logo de manhãzinha, fui confrontado com três homens novos, fortes e mal intencionados que vinham, em nome da avó, obrigar-me a entregar duas crianças arrancadas por mim à pior das misérias e confiadas a um casal idóneo, por incapacidade nossa e generosidade dele. Pressenti que, pelo menos, iria levar uma tarefa. Não adiantei discussão. Ouvi as ameaças e, como tinha de sair, meti-me no carro e fui à minha vida. Não me admiro se qualquer dia levar mesmo.

Estou disponível para tudo. Creio mesmo que terá de haver sangue para que estes projectos de salvação possam dar algum fruto.

Padre Acílio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898